

RUA PALMARES

Decreto nº 4344 de 25-10-1973, Artigo 1º, Inciso XIV

Formada pela rua 26 do Jardim Garcia - 1ª. gleba  
Início na rua Marechal Hermes  
Término na rua Jorge Whitemann  
Jardim Garcia

Obs.: Do decreto assinado pelo Prefeito Municipal Lauro Péricles Gonçalves consta: "Topônimo de significação histórica" Protocolado nº 20.091 de 20-06-1973.

PALMARES

A escravatura em nosso país constitui-se numa das mais tristes e hediondas páginas de nossa história. O tratamento dado ao negro era bárbaro, com sofrimentos morais e físicos pavórosos. Muitos foram os escravos que tentavam fugir àquela barbarie, buscando a liberdade. Mesmo com toda a vigilância e violência que se empregava, nas fazendas muitos deles, milhares, conseguiram escapar da escravidão, fugindo para a floresta. Esses agrupamentos de fugitivos passaram a ser conhecidos por "quilombos", e se espalharam por todo o país. O mais famoso deles foi o localizado nas florestas de Palmares - um cordão de mata bravia, que se estendia do Cabo de Santo Agostinho, em Pernambuco, até a zona do curso inferior do rio São Francisco, em Alagoas. Região montanhosa, áspera e agreste, com muitos desfiladeiros, vales sombrios e rochedos abruptos. Ali que se refugiavam os inditosos negros que conseguiram escapar dos canaviais, dos engenhos e das senzalas, fugindo de seus cruéis senhores. Palmares crescia e cessar. Unidos, trabalhavam, plantavam, construam em seu próprio proveito, e com a determinação de defender a liberdade que aí gozavam, a todo o custo. Um personagem se destacou nesse quilombo: Zumbi - escravo fugitivo que se tornou líder, ajudando a libertar inúmeros negros. Ele foi o Rei dos Palmares. Sucessivas expedições foram organizadas para destruí-los. Daí a resistência desesperada dos negros, dispostos a defenderem o quilombo até o último alento. Palmares resistiu à primeira arremetida. Os holandeses, em duas oportunidades tentaram destruir Palmares, porém, não obtiveram êxito. Os destacamentos luso-brasileiros somente conseguiram esmagar a resistência negra após quinze tentativas. Por 64 anos, os negros resistiram, numa ação heróica, envolvida em muitas lutas. O último dos ataques ao reduto dos negros foi confiado ao paulista Domingos Jorge Velho, que marchou de Piancó sôbre o quilombo, à frente de mil milicianos paulistas, desbaratando-os no primeiro encontro. O ataque final foi comandado pelo sargento-mor Bernardo Vieira de Melo. Os negros não se renderam. Lutando nas trevas, acabaram por cair do alto de uma rocha, criando a lenda de um suicidio coletivo. Consta

que alguns se atiraram, propositadamente, para não cair prisioneiros. Zumbi, que chefiava a resistência, tentou desesperadamente fugir, conseguindo mesmo ferido, internar-se na selva. Porém, traído por antigo companheiro, foi aprisionado e morto por André Furtado de Mendonça, que mandou expor sua cabeça em praça pública. Os quilombos representaram a mais vibrante expressão de resistência do negro ao regime de escravidão.



DECRETO N.º 4344, DE 25 DE OUTUBRO DE 1973.

Dá denominação a vias públicas da cidade de Campinas.

O Prefeito de Campinas, usando das atribuições que lhe confere o item XIX, do artigo 39, do Decreto-lei Complementar n.º 9, de 31 de dezembro de 1.969,

D E C R E T A:

Artigo 1.º — Ficam denominadas:

I — MARECHAL HERMES — (1855 - 1923) — Presidente da República no quadriênio 1910 - 1914 —, as ruas 7 e 8 do Jardim Garcia, 1.ª gleba, que têm início à rua 20 do Jardim Garcia e término à rua Castelnovo da Vila Castelo Branco.

II — PADRE MANOEL DA NÓBREGA — (1517 - 1570) — Jesuíta e missionário do Brasil no século XVI —, a avenida 1 do Jardim Garcia, 2.ª gleba, que tem início na rua 11 e término à rua 20 do mesmo arruamento.

III — BORBA GATO — Bandeirante paulista do século XVII —, a rua 1 do Jardim Garcia, 2.ª gleba, que tem início à rua 17 e término à rua 11 do mesmo arruamento.

IV — MANOEL PRETO — Bandeirante Paulista do século XVII —, a rua 2 do Jardim Garcia, 2.ª gleba, que tem início à avenida 1 e término à rua 12 do mesmo arruamento.

V — RAPOSO TAVARES — Bandeirante Paulista do século XVIII —, a rua 4 do Jardim Garcia, 2.ª gleba, que tem início à rua 14 e término à rua 17 do mesmo arruamento.

VI — GENERAL COUTO DE MAGALHÃES — (1837 - 1898) — Militar, geógrafo e presidente da província de São Paulo —, a rua 14 do Jardim Garcia, 2.ª gleba, que tem início à rua 3 e término à rua 5 do mesmo arruamento.

VII — JOAQUIM NABUCO — (1849 - 1910) — Diplomata e estadista —, a rua 16 do Jardim Garcia, 2.ª gleba, que tem início à rua Dante Alighieri Vita e término à rua Albuquerque Lins do mesmo arruamento.

VIII — CONSELHEIRO JOÃO ALFREDO — (1835 - 1919) — Alfredo Corrêa de Oliveira, estadista e político, presidente da província de São Paulo —, a rua 1 do Jardim Garcia, 1.ª gleba, que tem início à rua 20 do Jardim Garcia e término à rua Castelnovo da Vila Castelo Branco.

IX — SENADOR VERGUEIRO — (1778 - 1859) — Político e estadista do Império; pioneiro do trabalho livre —, a rua 2 do Jardim Garcia, 1.ª gleba, que tem início à rua Vicente Torregrossa e término na divisa com a gleba da "Rhodia Indústrias Químicas Textéis S/A."

## RUA PALMARES



X — ALMEIDA JÚNIOR — (1850 - 1899) — Pintor paulista renomado —, a rua 22 do Jardim Garcia, 1.a gleba, que tem início à rua Vicente Torregrossa e término à rua 1 do mesmo arruamento.

XI — EDUARDO CARLOS PEREIRA — (1855 - 1923) — Grande gramático e antigo professor do Ginásio do Estado —, a rua 23 do Jardim Garcia, 1.a gleba, que tem início à rua Vicente Torregrossa e término à rua 1 do mesmo arruamento.

XII — ANHEMBI — Topônimo de significação histórica —, a rua 24 do Jardim Garcia, 1.a gleba, que tem início à rua 7 e término à rua Jorge Whitemann do mesmo arruamento.

XIII — IGUATEMI — Topônimo de significado histórico —, a rua 25 do Jardim Garcia, 1.a gleba, que tem início à rua 7 e término à rua Jorge Whitemann do mesmo arruamento.

XIV — PALMARES — Topônimo de significação histórica —, a rua 26 do Jardim Garcia, 1.a gleba, que tem início à rua 7 e término à rua Jorge Whitemann do mesmo arruamento.

XV — 5 DE FEVEREIRO — Data da elevação de Campinas a cidade em 1842 —, a rua 27 do Jardim Garcia, 1.a gleba, que tem início à rua 7 e término à rua Jorge Whitemann do mesmo arruamento.

XVI — 25 DE MARÇO — Data da Constituição do Império do Brasil, 1824 —, a rua 30 do Jardim Garcia, 1.a gleba, que tem início à rua 9 e término à rua 8 do mesmo arruamento.

XVII — 24 DE FEVEREIRO — Data da primeira Constituição Republicana, 1891 —, a rua 31 do Jardim Garcia, 1.a gleba, que tem início à rua 9 e término à rua 8 do mesmo arruamento.

Artigo 2.º — Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

PAÇO MUNICIPAL, 25 DE OUTUBRO DE 1973.

DR. LAURO PERICLES GONÇALVES  
PREFEITO DE CAMPINAS

DR. JOAO BAPTISTA MGRANO  
SECRETARIO DOS NEGÓCIOS JURÍDICOS

ENG.º JOAO POZZUTO NETO  
SEC. DE OBRAS E SERVIÇOS PÚBLICOS

Redigido na Consultoria Jurídica da Secretaria dos Negócios Jurídicos, com os elementos constantes do protocolado n.º 20.691, de 20 de junho de 1973, e publicado no Departamento de Expediente do Gabinete do Prefeito, em 25 de outubro de 1973.

JOSE ROBERTO COPPI CUNHA  
CHEFE DO GABINETE

## Topônimo de Significação Histórica

(Denominação dada pelo decreto 4344 de 25-outubro-1973, à rua 26 do Jardim Garcia - la. gleba, que tem início à rua Marechal Hermes, antiga Rua 7 e término à rua Jorge Whitemann no mesmo arruamento)

**PALMARES: RAIZ DA LIBERDADE**

A Escola de Samba Nenê de Vila Matilde escolheu como enredo "Palmares, Raiz da Liberdade".

A história de Palmares é muito bonita, embora nem sempre estudada nas escolas. Resumindo: muitos foram os escravos que tentavam fugir para a liberdade. Mesmo com toda a vigilância e violência que se empregava nas fazendas, muitos deles, milhares, conseguiram escapar da escravidão, fugindo para a floresta. Como se sabe, esses agrupamentos de fugitivos passaram a conhecidos por "quilombos" e se espalharam pelo Nordeste, entrando pelo Espírito Santo e Rio de Janeiro. Palmares foi um desses quilombos que mais se ressaltou, pois chegou a ter aproximadamente 50 mil ex-escravos. A Nenê de Vila Matilde vai procurar, na avenida, contar a história de Palmares, desde seu começo ao seu fim, passando pelo apogeu do quilombo. É um personagem de destaque desta história é o Zumbi, escravo fugitivo que se tornou líder, que ajudou a libertar inúmeros negros. Zumbi, segundo se acreditava, estava sempre atento e para não ser pego de surpresa pelos brancos, nunca dormia. Ele foi o Rei dos Palmares. E a existência de Palmares ele defendeu com todas as suas forças. Palmares foi atacada inúmeras vezes até que em janeiro de 1664 acabou não resistindo. Zumbi foi capturado e teve a cabeça cortada por André Furtado Mendonça, que a levou para Recife. Os negros, entretanto, recusaram a acreditar na morte de seu líder. "Zumbi, morto! Impossível. Zumbi não morre". O fato é que Zumbi passou a ser um grito em favor da liberdade. Como tal, não morre mesmo.

**SAMBA DE ENREDO****"Palmares, Raiz da Liberdade"**

Oiá princesa  
Zumbi oiá  
A nobreza de Palmares  
Viemos recordar  
BIS É claridade  
Brilha a raiz da liberdade  
Zumbi lutou  
Até que a morte o libertou  
E uma nova aurora conquistou  
Ô ô ô se ouvia um feroz clamor  
BIS Ô ô ô se cuida branco  
Que o negro não tem sinhô

II  
Do terrível horror do cativo  
Ao esplendor  
Palmares o Quilombo pioneiro  
Superou a dor  
O negro soube se unir  
Ao índio e ao branco pobre  
Eram três raças a sorrir  
Era um Brasil mais nobre  
Olha o tombo  
E o samba de congo  
Refrão Ten dandê  
Chegou novo Quilombo  
E seu nome é Nenê

**Ficha técnica**

GRÊMIO RECREATIVO ESCOLA DE SAMBA  
NENÊ DE VILA MATILDE

Fundação — 01-01-49

Presidente — Alberto Alves da Silva

Rua Julio Rinaldi, 1 ou 220 — Penha — CEP 03615 (Quadra)

Enredo: Palmares Raiz da Liberdade

Samba Enredo: Palmares Raiz da Liberdade (Compositor:  
Armando da Mangueira)

Autor do Enredo: Alberto Alves da Silva Filho

N.º de componentes: 2.000 a 2.200

N.º de batuqueiros: 200

Cores: azul, branca, preta e vermelha





NOSSA TERRA E NOSSA GENTE

## Palmares: lenda e realidade

C. S. F.

O nome Palmares deve ser familiar aos brasileiros. Recorda a epopéia do mais famoso quilombo, uma espécie de Estado negro, à semelhança de muitos que existiram na África, no século XVII, ou como dizia Mestre Sebastião da Rocha Pita, uma República rústica, bem ordenada a seu modo. Mas outro historiador e antropólogo, Nina Rodrigues, contesta-o: não era República, a não ser que esta qualificação significasse simplesmente Estado — porque em Palmares o que havia era um governo central despótico.

Mas, não importa a definição. O que vale mesmo é um alhar retrospectivo para aquele refúgio na floresta de Palmares — um cordão de mata bravia, estendendo-se do Cabo de Santo Agostinho, em Pernambuco, até a zona ao norte do curso inferior do rio São Francisco, em Alagoas. Região montanhosa, áspera e agreste, com muitos desfiladeiros, vales sombrios e rochedos abruptos. Ali buscavam refúgio os pobres negros que se escapavam dos canaviais, dos engenhos, e das senzalas, em busca de liberdade, fugindo aos rigores cruéis da servidão e às sombrias perspectivas da guerra contra os holandeses.

O quilombo crescia sem cessar. Negros agricultores ali plantavam suas roças, que vicejavam regadas pelo suor feliz de quem trabalha em proveito próprio. Outros fugitivos de diferentes ofícios instalavam suas rústicas tendas, e trabalhavam como oleiros, ferreiros e cesteiros. Unia-os o amor à liberdade e a determinação de defendê-la a todo o custo. Aos poucos começaram a comerciar com os moradores vizinhos, trocando seus produtos por ferramentas, armas de fogo, roupas e até gado.

As desavenças com os vizinhos eram resolvidas a ferro e fogo. Raptos de mulheres e de muleques, depredações, e o constante fortalecimento de Palmares começaram a provocar sustos e desconfianças nas autoridades. Daí as sucessivas expedições para destruí-los. Daí também a resistência desesperada dos negros, dispostos a se defenderem até o último alento.

Palmares não caiu à primeira arremetida. Por duas vezes os holandeses tentaram, sem êxito, esmagar-lhe as fortificações; e destacamentos lusobrasileiros só obtiveram vitória após quinze arremetidas.

Os quilombos foram a mais vibrante expressão de resistência do negro ao regime de escravidão. E havia-os em muitos pontos do território pátrio. Mas Palmares foi o mais forte e mais organizado de todos. Por isso resistiu durante quase um século, numa ação heróica e rústica, envolta em muitas lendas. O local era bem fortificado; havia duas ordens de paliçadas protegidas por troncos e estrepes, e ainda redutos, flancos e guaritas. O conjunto parecia inexpugnável. Na realidade, era mais frágil do que então se julgava. A resistência se deve muito ao sistema de guerrilhas usado, e ao processo de fingir que se abandonava o campo de luta, para contra-atacar depois com redobrado ímpeto.

Durante muitos anos perdurou a lenda heróica do suicídio do chefe Zumbi, que se teria atirado de um rochedo, preferindo a morte à escravidão. Só agora, tantos anos depois, se vislumbra a verdade histórica. Chefe de mocambo, general dos Palmares, parece certo que Zumbi participou de todos os combates. Num destes, pressentindo o perigo do ataque, ordenou a retirada de suas tropas, noite alta, por um atalho que margeava um precipício. Por esse ponto, cerca de mil palmarinos recuaram. Só os últimos duzentos foram descobertos, e na luta, rolaram para o abismo. Mas Zumbi não morreu nesta ocasião, nem se atirou de despenhadeiro algum. Dois anos mais tarde, em 1695, tendo já sido destruído o reduto mais forte, um grupo de vinte combatentes chefiados por Zumbi, foi denunciado por um traidor a uma coluna chefiada pelo Capitão André Furtado de Mendonça.

Zumbi resistiu bravamente, e de todos os seus homens só um escapou com vida. Ele próprio morreu na luta. Este é o Zumbi da História. Depois de três séculos de silêncio, a história de Palmares é reescrita por Edison Carneiro, que assim rasgou o véu que deformava os contornos da epopéia negra de Palmares. Só agora se percebe melhor a organização daquele reino negro, e se avaliam a tática militar e a tragédia de Zumbi e de seus companheiros.

(Recorte do jornal "Correio Popular" de Campinas)



## Missa dos Quilombos?...

Nair de Santana Moscoso

Pode parecer estranho aos não informados, falar-se de "missa dos Quilombos", se há mais de três séculos e meio, caiu PALMARES, o último e mais famoso Quilombo.

"Recebe, Senhor, a cabeça cortada / do negro Zumbi, guerreiro do Povo / irmão dos rebeldes nascidos aqui / do fundo das veias, do fundo da raça / o pranto dos negros, acolhe, Senhor!" (Do Ofertório da Missa).

No ano findo, a 20 e 23 de novembro, em Alagoas e no Recife, foram oficiadas missas, grande número de cristãos pedindo, publicamente, perdão, "pelo pecado que historicamente foi cometido contra os negros". E o Arcebispo da Paraíba, Dom José Maria Pires, conhecido humoristicamente, como Dom Pelé, foi aclamado pelo povo, como Dom Zumbi.

Missa — Poema de Amor em forma de prece — escrito por Dom Pedro Casaldaliga, Pedro Tierra e Milton Nascimento (embora nem todos os católicos concordem), não é somente "um pedido de perdão", mas, afirmaram, fervorosamente, os Celebrantes da Missa dos Quilombos: "num esperançoso compromisso, rumo a uma verdadeira fraternidade, num mundo onde o branco, sendo branco, e o negro sendo negro, vivam como irmãos". No OFERTÓRIO, foi rezado: "Na cula das mãos, trazemos o vinho e o pão, / a luta e a fé dos irmãos, / que o Corpo é o Sangue de Cristo verão / ... "Na palma

da mão, trazemos o milho, / a cana cortada, o branco algodão, / o fumo-resgate, a pinga-refúgio".

A História nos conta, como foi difícil, em nosso país, a formação histórica das três raças, que formaram a nossa, o europeu dominando, explorando o indígena, que não queria ser subjugado, e o negro-coitado! — arrancado do seu "habitat", sofrendo o domínio do branco e a aversão do índio...

E foi assim que, pouco a pouco, para libertar-se da escravidão de um, e a hostilidade do outro, o afã crescente, "obsessão", pode-se dizer, dos escravos: fugir...

Mas, foi somente depois de muitos e muitos anos, que ousaram se aprofundar pelas matas a dentro, quando as tribus mais ferozes foram dominadas ou repelidas para os confins do continente. Mas, então, outro inimigo ferrenho: os chamados "capitães do mato", bandidos que enriqueciam, até, dedicando-se à caçada dos escravos, como a verdadeiros animais ferozes.

Compreendendo que "a fuga" não significava, realmente, fugir das senzalas e das fazendas, foi então, que unindo-se aos seus companheiros de infortúnio, eles se foram fortificando e formando os temidos quilombos...

E do Coro Branco do Rito Penitencial da Missa dos Quilombos: "Queimados de medo / de medo da História / os nossos arquivados, / Pusemos em branco / a nossa memória..."

(Recorte extraído do jornal "Correio Popular", de Campinas, do dia 13-março-1982).

## RUA PALMARES

(Denominação dada pelo Decreto 4344 de 25.10.1973, à rua 26 do Jardim Garcia, la. Gleba, com início à rua Marechal Hermes e término à Rua Jorge Whitemann).



## Palmares, Quilombo de.

Refúgio de escravos, que durou 64 anos, situado em Alagoas, entre o Mandau e o Jundiá. Nêlc se escondiam, negros fugidos a seus senhores e várias expedições foram contra êles enviadas, sempre sofrendo reveses. O último dêsses ataques foi confiado, pelo Governador de Pernambuco João da Cunha Souto Maior, ao paulista Domingos Jorge Velho, então fazendeiro de gado no Piauí. Este marchou de Piancó, sôbre o quilombo, à frente de 1000 milicianos paulistas, desbaratando-os no primeiro encontro. Em Pôrto Calvo, para onde recuaram, receberam reforços. O ataque final foi comandado pelo Sargento-Mor Bernardo Vieira de Melo, com 200 homens e 6 bôcas de fogo. Os negros não se renderam. Lutando nas trevas, acabaram por cair do alto de uma rocha, criando a lenda de um suicídio coletivo. É verdade que alguns se atiraram propositadamente, para não cair prisioneiros. O último Zambi (V.), que chefiava a resistência, tentou desesperadamente fugir pela mata, mas foi impedido pelos paulistas e pernambucanos. Os negros foram imnelidos para um precipício, mas o Zambi, com duas balas no corpo, conseguiu internar-se na selva, onde, traído por um antigo servidor, foi arrisionado e morto por André Furtado de Mendonca, que mandou expor sua cabeça em praça pública.